


BLUMENAU

em Cadernos

	TOMO	XXXIX
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU 25 ANOS	JANEIRO	1998
	NÚMERO	01

BLUMENAU
EM CADERNOS

40 ANOS

1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Frente: **Rua 15 de Novembro na década de 1950**

(Casa Husadel, Livraria Blumenauense e antiga Igreja Matriz)

Verso: **Rua 15 de Novembro na década de 1910**

(Casa Comercial Hermann Hering, Casa Husadel e Igreja Matriz)

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Os Primeiros Anos de Blumenau <i>José Ferreira da Silva</i>	07
O Grupo Étnico Germânico de Lages <i>Juçara de Souza Castello Branco</i>	13
Os Pioneiros Orquidófilos de Indaial <i>Erich Stange</i>	22
O Hansabote <i>Pastor Flos</i>	25
As Homenagens de Blumenau ao Interventor Federal	42
Cinco Títulos da Bibliografia <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	48
A Tapera / Nova Revista / Guia de Escritores / Eventos <i>Enéas Athanázio</i>	51

História & Historiografia

Os primeiros anos de Blumenau*

Texto:

*JOSÉ FERREIRA
DA SILVA*



Muitos viajantes que visitaram as terras do Brasil, no século passado, deixaram-nos relatos interessantes de suas andanças pelo litoral, pelo interior, pelo norte e pelo sul do País.

Alguns exageraram nos registros de suas anotações, falseando as suas impressões. Outros mentiram escandalosamente, legando-nos imagens completamente distorcidas e distanciadas da realidade. Houve, entretanto, alguns que souberam registrar muito bem o que viram e ouviram e sobretudo concluíram com acerto e com justiça. Entre estes estão, para exemplificar, Saint-Hilaire; von Tschudi; Steiner e Avé-Lallemant. O primeiro passou por Santa Catarina em 1820, deixando apenas ligeiras referências ao litoral do Vale do Itajaí. Isso porque, naquele ano, não havia povoado algum na foz do rio, onde hoje se levanta a cidade e o mais freqüentado dos portos catarinenses. E, deixando São Francisco, por terra chegou à Armação de Itapocoróia, uma enseada e um embarcadouro já bem freqüentados, onde embarcou num veleiro, com destino à sede do governo da Ilha de Santa Catarina. Assim mesmo, passando ao largo, ele menciona a Ponta das Cabeçadas, a praia Brava e outros acidentes que, do alto mar, conseguia avistar e dos quais os tripulantes do barco lhe iam dando notícia. E foi pena, porque, se ele tivesse percorrido mais 20 quilômetros que separam a Ponta de Itapocoróia da foz do Itajaí-Açu, ele nos teria contado coisas que, certamente, viriam desfazer muita balela que tomou foros de verdade a respeito da fundação da nossa vizinha cidade portuária.

*) Original publicado no Jornal de Santa Catarina de 12 e 13 de Setembro de 1972.

Ele diria, por exemplo, que nos terrenos que hoje constituem o perímetro urbano de Itajaí, havia apenas alguns moradores pobres e infatigáveis e destemidos pescadores, com os seus ranchos de palmito e palha, levantados ao longo das margens do rio, na foz do qual havia a fazenda de Dona Felícia de Azeredo Leão Coutinho (se é que ela já era viúva naquele ano) e que em frente à embocadura do Itajaí-Mirim, ficava outra grande fazenda, a do Arzão que, ao que parece, foi o primeiro morador daqueles ermos.

E diria também que a maioria daqueles pescadores e pequenos lavoueiros (termo que se inventou para distinguir o pequeno sitiante do grande fazendeiro) morava à margem esquerda do rio, no atual Navegantes, onde já havia até um velho cemitério que vinha dos começos da segunda metade do século XVII.

O barão von Tschudi passou por S. Catarina em 1862. Haviam-se passado quarenta anos desde a visita de Saint'Hilaire e muita coisa se transformara. Já estavam fundadas e prosperando as colônias D. Afonso (a segunda da província e a primeira com italianos), a de S. Isabel, a de D. Francisca, a de Blumenau e sobre as quais relata episódios e observações muito curiosas e interessantes. Já falamos dele e muito ainda teremos que escrever, de vez que o relatado por ele, em seu livro, sobre S. Catarina ainda não foi traduzido para o português, ou melhor, o foi pelo autor destas linhas, que o conserva ainda inédito.

O Dr. Roberto Avé-Lallemant, médico alemão, com alguns anos de clínica no Rio de Janeiro, foi outro viajante em cujas descrições e informações se pode confiar.

Observador minucioso e honesto, legou-nos, em seus quatro volumes de viagens, dois pelo norte e dois pelo sul do Brasil, dados tão preciosos e verdadeiros da época em que por aqui andou (1858), que é quase impossível escrever-se a história do passado catarinense sem recorrer-se aos subsídios por ele deixados.

De propósito alteramos a ordem cronológica da visita desses dois últimos viajantes a Santa Catarina, para reproduzir o retrato que Lallemant pinta da Colônia Blumenau, visitada por Tschudi, quatro anos

*) A obra do Barão von Tschudi foi editada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" em 198 em convênio CNPq.

depois. Lallemand conheceu o Dr. Blumenau no Rio de Janeiro, onde por mais de uma vez os dois haviam se encontrado e, naturalmente, trocado idéias sobre o empreendimento que o segundo iniciara às margens do Itajaí-Açu. Conhecia, assim, em seus mínimos pormenores, as enormes dificuldades em que se debatia o químico de Braunschweig para sustentar a sua empresa.

Blumenau lhe havia falado do andamento dos trabalhos de medição das terras e da localização dos imigrantes que ia aliciando na Alemanha, e principalmente, na sede da colônia, chamada de "Stadtplatz", o que, literalmente traduzido, seria "lugar de cidade" ou "perímetro urbano".

Quando veio a Santa Catarina, é claro que Lallemand, desde que viera disposto a visitar a Colônia do Dr. Blumenau, vinha pensando encontrar, como sede da mesma, uma romântica cidadezinha, espelhando o seu grupo de casinhas bem feitas e bem alinhadas, nas águas barrentas do velho e decantado Itajaí, um rio parecido com o Reno, especialmente da foz do Benedito para cima, onde as altas colinas e ribanceiras se assemelhavam aos ricos vinhais do rio alemão e onde só faltavam as velhas ruínas dos castelos medievais, cujas tradições se misturavam às lendas das belas valquírias e dos Niebelungen.

Mas que desilusão! Depois de percorrer, em dois dias de canoa, a distância de Itajaí à confluência do Ribeirão Garcia, juntamente com o Dr. Blumenau, que ele encontrara no albergue da Barra do Rio e que regressava do Rio de Janeiro, onde fora conseguir empréstimos para a sua empresa.

Avé-Lallemand não encontrou coisa que sequer se parecesse com o que ele imaginara, mesmo levando em consideração as condições do tempo e do espaço físico. Além de tudo, a viagem, cheia de surpresas, é verdade, tinha sido de enervante monotonia, pois com o Dr. Blumenau, surdo como uma porta, ele só poderia trocar impressões aos gritos, que ecoavam tristemente pela vastidão das florestas ribeirinhas.

E Lallemand exclama: "Cidade de Blumenau tem muito boa vontade de tornar-se cidade. Por ora, falta-lhe tudo o que constitui uma cidade. De igreja, casa da Câmara e outros edifícios públicos não se

vê sequer vestígios e são tão poucas as casas no caminho, que involuntariamente se pergunta: mas onde é que fica mesmo a cidade?”

Mas apesar da decepção que, nesse particular, lhe causou a chegada a Blumenau, Lallemand nos dá, com muita simpatia, um retrato fiel de quanto lhe fora dado observar.

Conta, por exemplo, que, logo à esquerda de quem subia do porto, havia um galpão de recepção de imigrantes (local em que, hoje, se encontra a estátua do fundador da cidade), pronto apenas pela metade porque a outra metade se resumia em alguns pilares suportando uma cobertura de telhas. Na metade fechado havia lugar para uma escola e uma capela. No outro lado ficava a única casa bonita da cidade, que era um sobradinho de alvenaria, pertencente ao senhor Friedenreich e onde o Dr. Blumenau também residia e tinha o seu e o escritório da administração de sua colônia.

Friedenreich dava também hospedagem e refeições e, segundo a opinião do viajante, era “homem armado de bons conhecimentos e um veterinário perfeitamente educado, cuja jovem senhora, amável e bondosa, governa a casa.”

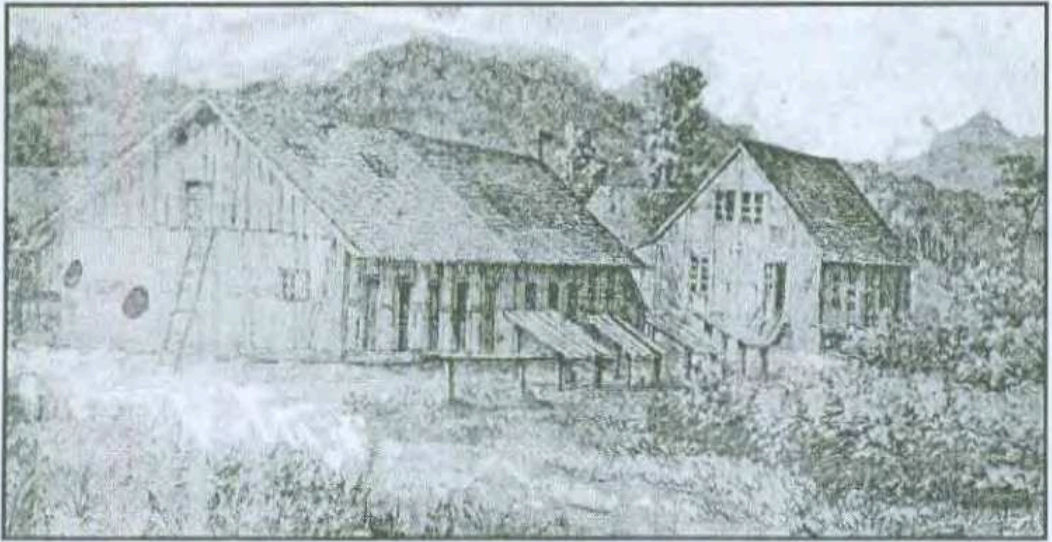
Lallemand descreve a nossa atual “Rua das Palmeiras”, em que naquele longínquo 1859, se resumia à “cidade”, como um caminho mal conservado, mas com algumas bonitas casinhas de ambos os lados e que terminava numa elevação onde ainda estava em construção uma casa para a família do pastor protestante, mas onde ainda não havia vestígio algum da igreja, que ali se projetava construir.

E Lallemand conclui: “o conjunto, todavia, causa impressão muito agradável, sobretudo quando o recém chegado se acostuma com o eufemismo Cidade de Blumenau.”

Entretanto, a opinião de Lallemand sobre o futuro da Colônia, emitida por ocasião da publicação do livro, na edição alemã, feita em Leipzig, em 1859, não agradou nem ao Dr. Blumenau nem aos seus colonos.

O viajante via as coisas através de lentes que, hoje, poderíamos chamar de fotocromáticas. Quanto mais claridade recebem, mais sombrio apresentam o ambiente. É que Lallemand, apesar do entusiasmo e do trabalho persistente e contínuo do Dr. Blumenau, da capacidade dos

seus colonos de suportarem as mais duras provas para chegarem a um resultado feliz, não creditava no sucesso da Colônia. Isso porque Blumenau, além de não ter capital suficiente para levar adiante a sua empresa, sofrera, com a enchente de 1855, prejuízos enormes. Pontes, pinguelas, bueiros, caminhos, tudo fora danificado.



Por volta de 1864, o pintor J. Brueggmann, muito conhecido pelas suas pinturas feitas na antiga Desterro, desenhou, a lápis, com extraordinária perfeição, esta vista do barracão dos imigrantes a que se faz referências neste artigo. Por ocasião do desenho, já o barracão tinha sido fechado na parte que Lallemand ainda encontrava como simples telheiro, sem as paredes laterais.

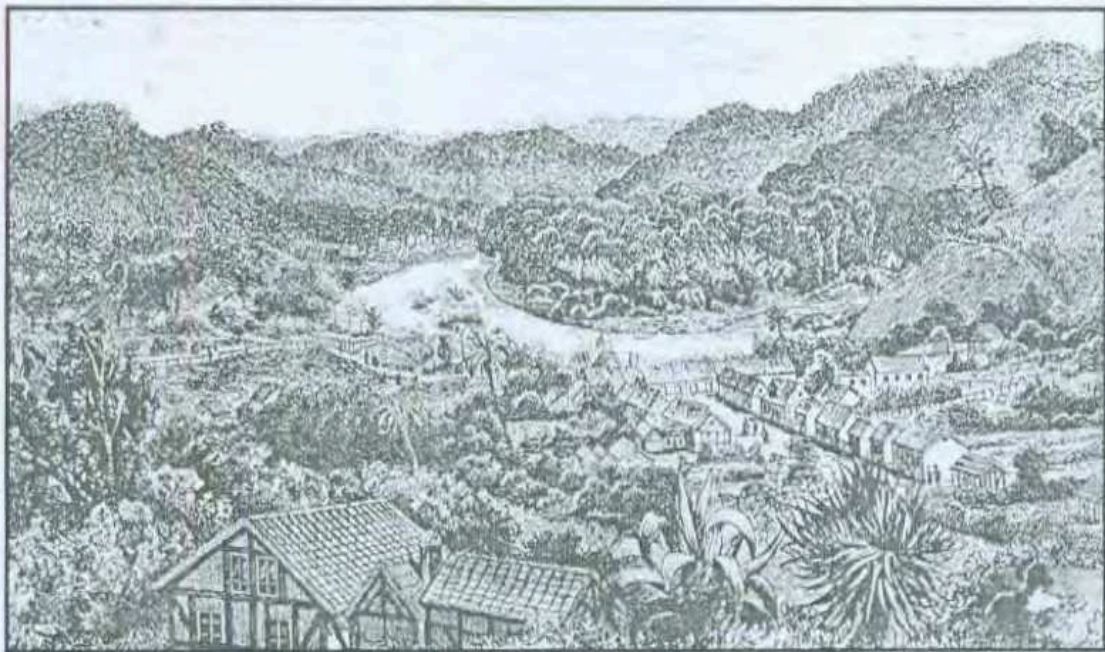
O barracão serviu, nos primeiros anos, além de acomodação para os imigrantes que chegavam, antes de seguirem para os respectivos lotes coloniais, também de capela e de escola, onde o Professor Ostermann dava aulas de primeiras letras e, nos domingos, presidia aos officios divinos, lendo a Bíblia e fazendo as vezes de pastor.

E, nem mesmo na Corte do Rio de Janeiro, o fundador encontrara quem lhe emprestasse dinheiro para repor o que as águas haviam levado e nem para acomodar os novos imigrantes que, apesar de tudo, continuavam chegando em minguidas levas, é verdade, mas que não deixavam de ser mais bocas para comer e mais motivos para despesas e preocupações. E não era só a parte financeira, o lado econômico que influía na opinião de Lallemand.

Vários outros fatores, por ele pesados e cuidadosamente observados, concorriam para que os seus prognósticos sobre o sucesso da Colônia não pudessem ser auspiciosos.

Se, na ocasião da publicação do livro de Lallemant, os colonos de Blumenau, com o seu diretor e fundador à frente, tiveram motivos de sobra para revoltar-se contra os conceitos nele emitidos e as conjecturas de mau agouro feitas pelo médico e viajante ilustre, hoje nós não podemos deixar de concordar com as suas previsões muito pouco favoráveis. De fato, Blumenau, de 1858, poucas perspectivas podia apresentar de um futuro extraordinariamente magnífico, como lhe coube.

Lallemant poderia ter razão. Mas, felizmente, enganou-se redondamente.



Por ocasião da visita de Avé-Lallemant a Blumenau, em 1858, a "cidade" era ainda menor do que mostra o desenho, feito depois de 1860. Representa a Rua das Palmeiras (atual Alameda Duque de Caxias), com pouco mais de uma dúzia de casinhas. No primeiro plano, a casa do pastor Oswaldo Hesse era das melhores construções do "Stadtplatz". Note-se que a atual rua Itajaí, à direita do desenho, em segundo plano, formava uma subida bastante íngreme na encosta do Morro do Aipim.

**Pesquisas
&
Pesquisadores**

**O Grupo
Étnico
Germânico
de Lages**

Texto:
*JUÇARA DE
SOUZA CASTELLO
BRANCO**



A partir da metade do século XIX, a vasta área do território de Lages começou a receber imigrantes alemães e seus descendentes, como tratamos no artigo “Abrasileiramento alemão nos campos de Lages”.

“Entre os imigrantes alemães que se estabeleceram em Lages no último quarto do século passado, alguns eram filiados a Igreja Luterana, mas a ausência de pastores desta confissão levou a maioria a afastar-se dela.”¹

Vale a pena frisar que em 1900, o Sínodo Meridional da Igreja Presbiteriana do Brasil autorizou o início de ação missionária na cidade serrana, onde vinham realizando estudos preliminares do ambiente social². Na ausência de pastores luteranos, muitos alemães residentes em Lages, entre o fim do século passado e o início deste, foram atendidos pela obra missionária da Igreja Presbiteriana.

Alemães e teuto-brasileiros fixaram residência em Lages desde a metade do século XIX, apesar de não existirem colônias na região. O re-

* Juçara de Souza Castello Branco, acadêmica do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do PIBIC/CNPq

Orientador: João Klug, professor do Laboratório de Imigração e Migração da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

¹ COSTA, Licurgo. O continente das Lagens: sua história e influência no sertão de terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p.421

² Ibidem, p. 416-17

latório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, em sessão ordinária pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti Albuquerque L[ilegível]^{***}, no ano de 1867, referente ao recenseamento de 1866, consta que a população das Paróquias Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens, São João dos Campos Novos, Nossa Senhora dos Bagaues e Nossa Senhora de Curitiba, pertencentes ao município de Lages, contavam com uma população de 9.356 pessoas. Dentro desta população havia 260 estrangeiros e 239 pessoas de religião não católica³.

A partir destes dados entendemos que os 239 não católicos da região do planalto de Lages, muito provavelmente, eram adeptos de alguma religião protestante, característica dos povos germânicos.

A década seguinte apresenta dados mais precisos em relação a nacionalidade dos estrangeiros nas paróquias pertencentes ao município de Lages, através dos dados do recenseamento de 1872 realizado em todo o Brasil. Nesta ocasião o município de Lages contava com apenas duas paróquias, diferentemente da década anterior que contava com quatro, como indicamos no parágrafo anterior. Uma delas era a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens com uma população de 5.926 pessoas, sendo que entre estes encontravam-se 95 estrangeiros, dos quais 21 eram alemães; a outra era a Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio dos Bagaues que contava com uma população de 2.562 pessoas, sendo que entre estes encontravam-se 3 alemães.

Diferentemente dos moradores das antigas colônias, em Lages, “qualquer proprietário que tivesse 10 milhões de campo não passava de chacareiro.”⁴ Lages era caracterizada por uma grande vastidão de pradarias para plantar, colher e criar. Isto impressionava os colonos das antigas colônias situadas sobre as estradas que ligavam Lages a São

^{***} O nome ilegível indicado na documentação é Lacerda referindo-se ao 17º Presidente da Província de Santa Catarina Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda.

³ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, em sessão ordinária pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque L[?]. Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1867. Acervo do Laboratório de História Demográfica do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ CORRÊA, Nereu. Paulo Setubal em Santa Catarina. Florianópolis: UDESC, 1978, p.

José, Laguna e Desterro, atual Florianópolis. O Padre Andréas Wiggers descreve sobre a impressão que Lages causava aos colonos:

"Minha família foi morar em Lages atraída pelos parentes que já moravam na região. Onde eles moravam antes a terra não era suficiente para tanta gente, mas em Lages era diferente. Eles viam em Lages extensões enormes de terra. Tudo era maior.⁵"

Para as famílias teuto-brasileiras que fixaram domicílio na área rural de Lages a religião era muito importante. Como já apresentamos anteriormente, os luteranos foram atendidos pela Igreja Presbiteriana. Os católicos em contra partida contavam com algumas poucas capelas e com as esporádicas visitas dos padres. Isso era motivo de ansiedade para os que se mudavam para o interior lageano, como revelam as memórias familiares do Padre Andréas Wiggers quando seus avós foram para Lages:

"- Mas Humberto, nós vamos para um lugar que nem igreja tem!

- Anna! Eu prometo que para onde nós formos eu vou ser o primeiro a construir um lugar para nós realizarmos o nosso culto, a nossa reza.

De fato eles construíram uma capela, num lugar que era conhecido como Barra do João Paulo (Bom Retiro), onde hoje existe um cemitério. Mais tarde eles vieram para Lages.⁶"

Como percebemos os colonos que iam para Lages muitas vezes realizavam uma mudança em escalas. A família Wiggers saiu de Münster, região de Beckhorst, Westefalia, norte da Alemanha. Chegaram no Brasil em 1863, quando foram trabalhar na colônia Blumenau, mais

⁵ Padre Andréas Wiggers. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 1997, em Lages. Acervo da autora

⁶ Padre Andréas Wiggers. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 1997, em Lages. Acervo da autora

tarde mudaram-se para Braço do Norte, depois foram para Bom Retiro e finalmente para Lages⁷.

Chegar em Lages não era uma missão fácil, sobretudo até as últimas décadas do século passado. O mau relacionamento da população luso-brasileira com os índios da região provocou episódios sangrentos. Quem chegava ou saía de Lages nunca tinha certeza de atingir o destino. A cidade ficava ilhada. Poucos arriscavam-se a lançar-se em viagem. Os que o faziam recorriam aos serviços dos bugreiros “(...) *homens ferozes que na calada da noite penetravam na floresta em bandos armados, a surpreender os aldeamentos indígenas que trucidavam impiedosamente*”⁸. Com o tempo os bugreiros praticamente exterminaram os índios.

Segundo Victor Antônio Peluso Júnior, “*Caracterizou-se, nessa fase da colonização de Lages, a substituição de uma população por outra que se radicou na região*”⁹. O caminho de Lages-Blumenau, aberto em 1878, foi um dos palcos de lutas criminosas, onde os índios foram violentamente afastados dos campos de Lages, passando a viver junto às bordas do planalto, até serem aldeados no Posto de Duque de Caxias, na segunda década do século XX, atual município de Ibirama.

Índios saíam enquanto colonos alemães e teuto-brasileiros chegavam, pelas estradas que começavam a oferecer acesso a ‘capital política’ do Estado.

Entre as famílias de imigrantes das antigas colônias que mudaram-se para os campos de Lages, a vida doméstica no campo começava cedo e marcada pela fé e devoção. Irmã Serafina Scoz, nascida em 1913 em Lages, filha de Serafim Scoz e Benta Umbelina Schlicksting lembra que:

“Todo mundo às cinco horas da manhã deveria levantar para tomar café e depois começar a fazer o serviço. Mas antes de tudo nós rezávamos: ‘Óh

⁷ Padre Andréas Wiggers. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 1997, em Lages. Acervo da autora

⁸ PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Estudos de geografia Urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1991, p. 55

⁹ *Ibidem*. p. 52

Santíssima Trindade que sois um só Deus, em três pessoas(...). É uma oração meio cumpridinha. Depois nós rezávamos três pai-nosso e três ave-maria para Nossa Senhora nos livrar dos perigos do corpo e da alma. Por fim o papai e a mamãe pediam a benção dos céus sobre nós.¹⁰ ”

Para as mulheres os dias seguiam com muito trabalho, segundo as lembranças de Elizabeth Feldhaus, nascida em 7 de Agosto de 1935, em Rio Fortuna, Município de Tubarão. Sua família veio da Westefália, de Hosmar. Quando chegaram em Santa Catarina foram morar em São Bonifácio e Capivari. Na década de 1930 se mudaram para a Bocaina do Sul, área rural de Lages:

“A mamãe ajudava o papai na roça. Ela gostava muito de cuidar da lavoura e do quintal. Nós sempre tínhamos verduras, alface, cenorinha, repolho, couve... Melancia e pepino nós colhíamos de carroça cheia. Os homens preparavam a terra e a mamãe plantava. As crianças pequenas também ajudavam. Nós também tínhamos muitas galinhas, além dos porcos. Nós co-lhíamos e vendíamos ovos. Também vendíamos manteiga.¹¹ ”

Na família Feldhaus as atividades do campo eram divididas entre os pais e filhos. A cooperação era a forma de articulação familiar:

“Quando eu era pequena todos tinham coisas para fazer. Antes do café todas as camas tinham que ficar arrumadas. A mamãe determinava um serviço para cada um e a casa ficava arrumada num instantinho. Depois do café, uns tratavam dos porcos, outros das galinhas e outros tiravam o leite. Quando a ma-

¹⁰ Irmã Serafina Scoz. Entrevista realizada em 16 de outubro de 1996. Acervo da autora

¹¹ Elizabeth Feldhaus. Entrevista realizada em 12 de Fevereiro de 1997. Acervo da autora

mães trabalhava no jardim, os rapazes ajudavam a viram a terra enquanto nós íamos plantando.¹² ”

Entre as famílias alemãs e teuto-brasileiras que mudaram-se para a área rural de Lages, como indicamos no artigo “*Abrasileiramento alemão nos campos de Lages*”¹³ muitos foram adeptos dos casamentos extra étnicos. As certidões de nascimento de Lages e das freguesias da Bocaina do Sul e Bom Retiro, no início do século XX revelam um aspecto antagônico ao discurso familiar, em relação aos casamentos extra étnicos:

“Hoje é diferente, mas antigamente era fundamental que o casamento fosse entre pessoas da mesma estripe. Os alemães realmente rejeitavam os casamentos de seus filhos com pessoas que não fossem alemãs. Havia um fechamento entre os alemães.¹⁴ ”

Os casamentos extra étnicos eram mal vistos, mas indiscutivelmente eles aconteceram em Lages, desde o século passado. Este é o caso, por exemplo, do comerciante Lourenço Waltrick, oriundo da aldeia de Pillig, da região de Koblenz, próximo ao rio Mosela que desemboca no rio Reno, na Renânia¹⁵, que na década de 1870 casou com Nascimento Ribeiro de Andrade. Juntos eles tiveram os filhos Júlia, Maria Custódia, Antônio e Guilhermina¹⁶. Como eles, muitos outros casamentos extra étnicos aconteceram na região.

Em Lages a proeminência da vida político sobrepunha o isolamento étnico que os casamentos interétnicos pretendiam. Na cida-

¹² Elizabeth Feldhaus. Entrevista realizada em 12 de Fevereiro de 1997. Acervo da autora

¹³ BRANCO, Juçara de Souza Castello. *Abrasileiramento Alemão nos campos de Lages. Revista Blumenau em Cadernos*, Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, Tomo XXXVIII, nº 07, Julho/1997, p. 15-22

¹⁴ Padre Andréas Wiggers. Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 1997, em Lages. Acervo da autora

¹⁵ Informação concedida por Aderbal Philippe à autora.

¹⁶ Inventário de Lourenço Waltrick. Museu do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, COD. 10, Caixa 28 (N-5) / 21.1881

de Lageana as pessoas viviam a dinâmica dos acontecimentos que o poder político local emanava para o Estado e em alguns momentos para o País. A sociedade girava em torno dos políticos que geralmente também eram fazendeiros. Para atender à elite política aparece uma outra elite. Eram os prestadores de serviços liberais, técnicos e comerciais se constituindo numa elite emergente. Um número considerável destes profissionais eram alemães e teuto-brasileiros, como a imprensa lageana demonstra¹⁷ :

Profissionais do Comércio

Antônio Keche: Casa de calçados

Carlos Schuwahn: Vendedor de sementes

João José Rath: Procurador da Firma Antunes & Mohrmam

Casa Schwahn: vende sapatos

Christiano Brascher Júnior: Casa ferragens e sortimentos domésticos

Paulo Baier: Relojoaria

Casa Shwahn: Casa de variedades

Roberto H. Beller: Café Esperança

Theodor Wehrmann: Salsicharia

Henrique Walbröhl: Restaurante Estrela

Paulo Baier: Casa de jóias e óculos

Theodoro Wehrmann: Restaurante do Comércio

Casa Wolff: Secos e molhados

José Beller: Bilhar e Botequim

Emílio Burger: Padaria

João Burger: Comerciante

C. Roberto Stüpp: Pomar Esperança

Paulo Heidrich: Hotel Heidrich

Walter Hoeschel: Representante da Hoepche

André Wendhausen: Importação e Exportação

Mário Grant: Armazém

¹⁷ O Lageano, 1887; Lageano, 1891; Gazeta de Lages, 1895; O Imparcial, 1901 à 1903; Cruzeiro do Sul, 1902, 1904 e 1905; A Evolução, 1905 à 1907; o Clarim, 1908 à 1909 e 1911; Região Serrana, 1910; O Planalto, 1918; O Lageano, 1919 à 1922; Correio de Lages, 1924 à 1930; A Época, 1926 à 1927. Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Federico Rehl e Pedro Nicolau Schmit: Vendedores de fumo e bebida

Casa Baier: Joalheira e variedades

Relojoaria Ervin

Antônio Schlischting Filho: Casa de secos e molhados

Ewaldo Chaefer: Representante Fábrica Wallig & Cia de Porto Alegre

Ewaldo Chaefer: Papelaria

Werner Gosch: Compra couro na Casa Schmidt

Jacques Schweidzon: Casa de Tecidos

Mário Grant, Álvaro Ramos Vieira, Ataliba da Costa Ávila, Walter Ho-

eschel, Tito Bianchini, João Cruz Júnior, Estacio Neves: Banco de Lages

Francisco May: Casa de artigos masculinos e femininos

Profissionais de áreas técnicas

F. G. Busch, José Stupp, João Felipe Küchner, Max Kadisch, João Alexandre Schmidt, Maurilio Waltrick, Germano Henkomeyer, Frederico Bohl: Industriais e profissionais lajeanos; Frederico Guilherme Busch: Empresário da luz elétrica; José Stanczyk & Marchwa: marcenaria; Clemente Hamitzsch: Escultor e canteiro; Antônio Adolpho Waltrich: Fábrica de macarrão; João Naschenweg: Alfaiataria Henrique Walbröech: Fotógrafo; Roberto Beller & Cia: Fábrica de Cerveja; Busch Costa & Cia: Moinho S. Mathar; Maurilio Waltrick: Serraria Guilherme Lewerentz: Pedreiro; Max Kimmel: Fábrica de móveis de vime; Conrado Thomsen: Indústria de móveis de vime Paulino Schaidt: Construtor; Alfredo Rudolf: Fábrica de móveis de madeira; Ferreira Eigen: Oficina de concertos de produtos domésticos, em geral; João Dias Bräscher: Alfaiataria; Guilherme Lewerentz: Fábrica de manteiga de sebo.

Profissionais liberais

Grant Dr. Jorge Bleyer: Médico; João José Rath: Agrimensor e Advogado; Eduardo Rambusch: Farmacêutico; Farmácia Waltrick; Dr. Theodoro Batz: Médico; Hermina Rudolf: Parteira; Joaquim Oliveira Waltrick: Farmacêutico; Guilherme Töpker: Clínica Dentária; Nathalia Thiel: Parteira; Lourenço Waltrick: Agrimensor; Julia Nuesser: Parteira; R. Sturm-

höfel: Médico, operador e parteiro; Hugo von Mörss: Agrimensor; Dr. Berger: Médico; Dr. Fernando Wendhausen: Médico; Roberto M. Grothe: Engenheiro e agrimensor; Dr. Leo Sancott: Clínico geral; Hans Walter Taggesell: Engenheiro agrônomo, escritório na casa de João Felipe Kirchner; Dr. Jorge A. C. Bleyer: Médico; Ricardo Jung: Gabinete dentário; Dr. Edmundo Wiering: Médico.

Os casamentos extra étnicos, na comunidade germânica de Lages, não eram um grande problema, desde que fossem dentro da mesma casta social.

Em Lages o rico e pobre podiam viver muito próximos, mas a única relação bem vista entre estes era o compadrio. A regra social era, e continua sendo, rico deve casar com rico e pobre deve casar com pobre, independente da etnia de cada um.

Apesar dos casamentos extra étnicos, o grupo étnico germânico de Lages não é tão pequeno para ser sido esquecido no tempo como foi. Iniciar a investigação destas questões é um dos nossos propósitos para o próximo artigo.

A Pioneiros Orquidófilos de Indaial

Texto:

*ERICH STANGE**



Indaial, fruto da colonização no médio vale do Rio Itajaí, efetuada pelo Dr. Hermann Blumenau a partir de 1850, situada em plena mata atlântica, sempre foi farta em orquídeas de diversas categorias. Mas as que chamavam geral atenção por seu tamanho e extraordinária beleza eram a quantidade e variedade da "Cattleya Intermédia", nas cores vermelhas escuras, claras, rochas, rosadas, semi-alvas e as raras albas totais.

Havia e ainda há grande quantidade de Bifrenárias, Brassavolas, Brassias, Catasetums, Coelogynes, Gomesas, Gongoras, Leopoldiis, Maxillarias, Miltonias, Oncidiumus, Xylobiumus, Zigopetalumus, etc. Existiam e ainda se encontram Stanhobias, as cabeças de boi com chifres, em diversas cores.

Aqui também se aclimatizaram bem as orquídeas de outras regiões do Brasil e também do estrangeiro. As Laelias Purpuratas do litoral sul-brasileiro, os Deondrobiumus ou Olho de Bonecas da Índia, Vandas da Austrália, Paphiopedilumus, Phalaenopsis da Malásia, Cymbidiumus, etc., com sua imensidade de híbridas.

Os colonos, nas derrubadas das matas, recolhiam estas plantas pela beleza das flores e as colocaram nos galhos das suas árvores frutíferas ao redor das suas casas. Também plantavam em tocos de xaxim, muito comum na região. Eram poucas as casas de colonos sem algumas orquídeas.

Assim surgiram os primeiros orquidófilos de Indaial e região.

*) Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

Af pelos anos de 1938/40 um grupo de rapazes entre treze e dezesseis anos de idade, recolhiam orquídeas nas matas, ilhas e margens do Rio Itajaí-Açu e Benedito e as cultivavam nas suas casas em ripados provisórios. Entre estes se destacaram Wolfgang Pasold, Gerhard e Adalbert Ehrat, Erich Stange, Norberto e Artur Wanke e outros.

Numa ocasião alguns deste grupo tomaram emprestado, sem conhecimento do dono, uma canoa cheia de orquídeas. A corrente para amarrar a canoa caiu na água e na altura dos fundos da atual Clínica Kechele, a mesma se prendeu entre duas pedras submersas e a canoa virou. Plantas e o remo foram levadas pela correnteza. Para recolher o remo e soltar a canoa bom tempo passou. Quando finalmente deu para embarcar novamente, as plantas estavam espalhadas por todo o rio, até a emboradura do Rio Benedito e fundos da atual Sociedade Recreativa Indaial. Conseguiram recolher praticamente todas e devolveram a canoa sem danos.

O orquidário mais antigo que conheci, pertencia à senhora Gertrud Oestreich, esposa do sr. Otto Oestreich, dono de uma serraria. Com a morte desta senhora, o mesmo se dissolveu. A senhora Else Hennings, esposa do então Prefeito João Hennings, quando veio de muda para Indaial, procedente de Encano, mandou construir um grande orquidário, às margens do Rio Itajaí. O mesmo ainda hoje existe sob cuidados do Dr. Gerd Hennings. Ela se especializou em *Laelias Purpurata* que trazia de Camboriú e outras regiões litorâneas. As suas *Russelianas* e *purpuratas* eram famosas. Teve uma *Laelia Purpurata* que recebeu seu nome "Hennings" com um porte magnífico. Ainda hoje ela é destaque em algumas coleções da região de Blumenau.

O sr. Gustavo Lang teve uma bela coleção de *Cattleyas* intermédias destacando-se suas albas e semi-albas com listas vermelhas na língua. Achou-as nas ilhas do Rio Itajaí. Os senhores Walter e Arnoldo Hansen bem como o sr. Bertholdo Trapp, possuíam alvas e semi-albas que cultivavam em árvores. O sr. Erich Selzer, em Encano, construiu um grande ripado onde cultivou aproximadamente 500 vasos. Possuía diversas *Cattleyas* Albas, muitas *Laelias* e *Dendrobiums*. Foi desfeito após sua morte.

Nos anos sessenta tivemos aqui um radialista, sr. Jorge Levy Malti que tinha um belo orquidário. Motivado pela sua profissão, mudou-se para Blumenau e por esse motivo vendeu sua coleção ao sr. Richard Hiendlmayer, nosso Tinga, que assim começou seu orquidário, onde hoje cultiva principalmente Laelias. Suas Mandaianas, Oculatas, Argolões Schroederiis, Telhas e Coerulhas são famosas. É hoje um dos orquidários mais famosos.

Erich Stange, desde sua adolescência, sempre cultivou orquídeas. Em 1978 construiu um grande orquidário, usando como cobertura sombrite, que era novidade aqui. Chegou a ter 500 vasos pendurados. Hoje está reduzindo a sua coleção, mas tem ainda muitas belas plantas. O seu filho Rolf, quando se casou, iniciou em fins de 70, uma coleção. Mudou-se para Blumenau, onde construiu um belo orquidário de Laelias e Phalaenopsis com os quais angariou fama, conseguindo muitas medalhas em exposições.

A partir de 1979 novos adeptos apareceram, entre eles Raimundo Kretzschmar, Maria Bernadete Ebert, esposa do sr. Henri Ebert, Rubens Hochapfel e outros. Finalmente em 1981 foi fundado o Círculo Orquidófilo de Indaial sob a direção do sr. Edson Huebes, o qual mais tarde foi substituído pelo sr. Marcos Henrique Reiter. Este promoveu uma belíssima exposição em 1994, nos recintos da Casa da Cultura. Em 1995 aconteceu novamente uma exposição no ginásio coberto da Sociedade Recreativa Indaial que teve um sucesso extraordinário, cuja consequência foi a exposição estadual de 1996 no mesmo recinto, e teve visita extraordinária. Na decoração destas três exposições o nosso amigo Tinga (Richard Hiedlmaier) com suas idéias criativas, se superou, mandando construir lagos e rodas d'água no local, decorando o ambiente com tocos velhos retirados do mato, pedras naturais e muito verde. Teve muita ajuda do sr. Anibal dos Santos, Marcos Reiter, Ivo Maus, Harry Gonçalves da Luz, Heinz Beyer, Laudir Negri, Danilo Heimberg, Edson Huebes e outros membros do atual círculo. Mas, falando de Aníbal dos Santos, o mesmo hoje tem uma belíssima coleção, certamente a maior e melhor da cidade, muito atuante. Assumiu a presidência do "Círculo" neste ano prometendo, e certamente fará, grandes realizações durante sua gestão.

**Documentos
Originais**
Almanaques

**“O
Hansabote”***

**PASTOR
FLOS**

O texto que apresentamos nesta coluna foi extraído da obra “Unsere Väter” (“Nossos Pais”), coletânea de artigos diversos referentes à imigração e colonização alemã em Santa Catarina, mais especificamente sobre o Vale do Itajaí.

Este artigo de autoria do Pastor Flos foi traduzido pelo Dr. Ivo von Wangenheim.

O “Der Hansabote” foi idealizado e dirigido pelo Pastor e Prof. Paulo Aldinger, circulou entre os anos de 1904 e 1913 na extinta Colônia Hansa Hammonia (atual município de Ibirama).

Este mensário atendia os interesses coloniais com artigos de orientação agrícola, temas escolares, aspectos do cotidiano da região como também abordava assuntos relacionados aos assaltos e aldeamentos dos índios que viviam naquela área.



Antiga casa colonial da Colônia
Hansa Hammonia - 1905

"Der Hansabote"

Ibirama ex-Hansa-Hammonia

Es ist eine merkwürdige Geschichte. Besitzt jemand hiesige Druckerzeugnisse aus einer Zeit, die noch gar nicht weit zurückzuliegen braucht, so hält er, häufig genug, Sachen von Seltenheitswert in seiner Hand. So erging es auch uns. Vor langen Jahren, als wir noch in Rio waren, erhielten wir sieben Nummern einer deutschsprachigen Zeitung mit dem Namen "Der Hansabote" geschenkt und bewahrten sie, wenn auch ohne besonderes Interesse, getreulich auf. Nun gedachten wir dieses Blatt, dessen erste Nummer im Oktober 1904 erschien, für unser Büchlein nutzbar zu machen und suchten nach einem vollständigen Jahrgange. Die Suche war lang und intensiv, aber vergeblich, völlig vergeblich; selbst der Name des Blattes scheint aus der Erinnerung verschwunden zu sein. So können wir uns nur freuen, dass wenigstens sieben Nummern sich durch die Zeiten gerettet haben, und versprechen, sie nach Gebrauch an unsere zentrale Sammelstelle, an das Instituto Hans Staden in Sao Paulo, weiterzugeben. Hier nämlich werden die Zeugnisse der Vergangenheit und der Gegenwart gesammelt und systematisch der wissenschaftlichen Forschung zugänglich gemacht.

Die Zeitung "Der Hansabote" ist ein einfaches Faltblatt mit vier, zweiseitigen Druckseiten; ihr Herausgeber war Dr. Aldinger-Palmenhof, Erscheinungsort Hammonia, Versendung G. Artur Koehler in Blumenau, Versendung in Deutschland: Geschäftsstelle der Hans. Kol. Ges. Hamburg Hansahaus, Erscheinen monatlich, Bezugspreis jährlich Rs 1\$000 bzw. 1\$200 und die Einzelnummer 100 Reis. Die uns vorliegenden Nummern aus den Jahren 1908 und 1909 sind sehr sachlich gearbeitet und enthalten Berichte über den Schulverband Hansa, über die Evangelische Kirchengemeinde Hansa-Hammonia, über den Landwirtschaftlichen Hilfsverein Hansa, über die Molkereigenossenschaft, über praktische Fragen der Landwirtschaft, über Siedlungs- und Kolonialfragen, über Reisen nach Deutschland und der Schweiz, über Streifzüge im unbekanntem Hinterlande der Siedlung, und schliesslich eine ständig wiederkehrende Rubrik "Örtliches und Persönliches". Man sieht, es ist bei

"Der Hansabote"

Ibirama ex-Hansa-Hammonia

Acontece muitas vezes que publicações, sejam jornais, sejam revistas, mas impressas na nossa terra, de um tempo que ainda não vai muito longe, já têm valor de raridade. Também nós em certa ocasião podíamos experimentar a verdade deste fato interessante. Há muitos anos, quando ainda estávamos no Rio, recebemos de presente 7 números de um jornal em língua alemã de nome "Der Hansabote", e os guardamos – sem muito interesse – até hoje. Lembramo-nos agora desta folha cujo primeiro numero apareceu em outubro de 1904, para aproveitá-la em nosso livreto, e procuramos o ano completo*. A busca foi longa e exaustiva, mas absolutamente improdutiva. Mesmo o titulo do jornal parece ter escapado da memória de todos. Assim damo-nos por satisfeitos que pelo menos 7 números se salvaram através dos tempos, e prometemos enviá-los após o uso, ao Instituto Hans Staden em São Paulo, que coleta e torna acessíveis ao público estes documentos do passado, no interesse da pesquisa científica.

O jornal "Der Hansabote" é uma folha simples dobrada, contendo quatro páginas impressas em duas fileiras; seu editor é Dr. Aldinger - Palmenhof, origem Hamônia, distribuidor G. Artur Koehler em Blumenau, distribuição na Alemanha: Escritório da Companhia Hanseática de Colonização em Hamburgo, publicado mensalmente, preço anual Rs. 1\$000 resp. 10\$200 e 100 Reis por unidade. Os números dos anos 1908 a 1909 que possuímos, contém artigos de interesse sobre a escola Hansa, sobre a Comunidade Evangélica de Hansa-Hamônia, sobre a Sociedade de Auxílio ao Agricultor, sobre a Sociedade de Laticínios, notas práticas sobre agricultura, colonização e colônias, viagens a Alemanha e Suíça, excursões no interior desconhecido da colônia, e uma rubrica constante "Locais e Pessoais". Vê-se que apesar do espaço reduzido é um jornal de largo espectro que produz uma leitura interessante e agradável.

* O Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" dispõe da coleção completa do "Der Hansabote" (1904 a 1917), obra rara e coleção original única no Vale do Itajaí.

aller Sachlichkeit und Beschränkung des Raumes ein bunter Spiegel, der dem Leser die Lektüre anziehend und angenehm macht.

Lassen wir uns durch den "Hansaboten" durch Ibirama führen, das damals gerade erschlossen wurde. Zunächst wird deutlich, dass die

Siedlung um 1900

andere Grundlagen gehabt hat als die in der Mitte des vergangenen Jahrhunderts. Wir lesen: "Die Gegenüberstellung des ehemaligen abhängigen armen Landarbeiters in Deutschland und des jetzigen freien, sorglosen Kolonisten in Brasilien verfängt heute wenig, einmal schon, weil auf solche Landarbeiter nicht mehr gerechnet werden kann und soll, und dann, weil die meisten heutigen deutschen Auswanderer im Bodenbesitz an sich nicht schon eine Befriedigung sehen, sondern ihn eben als Produktionsmittel werten und weil sie schliesslich eine ganz andere Schätzung für die Zugehörigkeit zum heutigen deutschen Reich und seiner so social gewordenen, alle Volksschichten durchdringenden Kultur haben als die Leute von Anfang oder der Mitte des vorigen Jahrhunderts. Da muss also schon zu Anfang des 20. Jahrhunderts für die Deutschen etwas mehr in die Wagschale geworfen werden als freie Überfahrt zur Romantik des Urwaldlebens". Jawohl, freie Überfahrt gab es damals um 1900; ein Fortschritt gegenüber der vergangenen Zeit, da die Auswanderer sich lange plagen mussten, bis sie die Kosten der Überfahrt abgearbeitet hatten. In einem anderen "Hansaboten" finden wir ein Inserat, das durch zwei dicke, fünf Zentimeter hohe Ausrufungszeichen eingerahmt wird: "Freie Passage bezahlt die Brasilianische Regierung für Einwanderer, die auf Ansuchen von Verwandten oder Freunden nach Brasilien kommen sollen. Interessenten belieben sich schriftlich zu wenden an Directoria do Povoamento do Solo Rio de Janeiro oder an Inspector do Serviço de Povoamento Florianópolis". Und weiter lesen wir über die Stellung der Kolonisten: "Wenn man sich von deutscher Seite wehrt, nicht bloss als Steuerzahler hochgeschätzt zu werden, so nimmt das kein Lusobrasilianer übel, wenn es sachlich geschieht, und nicht bloss aus Einbildung und Vorurteil. Für die neuen Kolonisten zumal ist die Sachlage eine sehr einfa-

Deixemos que o "Hansabote" nos leve por Ibirama, Hansa-Hamônia outrora, e que estava sendo povoada. Logo se torna claro que a

Colonização em 1900

tinha outras bases que a da metade do século passado. Lê-se o seguinte: "A comparação do antigo agricultor pobre e dependente na Alemanha e do livre e despreocupado colono no Brasil, hoje não pega mais. Em primeiro lugar porque não se pode nem deve contar com tais agricultores, porque a maioria dos colonos não considera a propriedade como realização pessoal, mas sim como meio produtivo como fonte de renda com o Império alemão com sua cultura social, que abrange toda população, hoje é diferente da população do início e meados do século passado. No início do século XX portanto, deve-se oferecer mais ao alemão do que simplesmente viagem sem despesas para o romantismo das selvas". Realmente, naquela época havia viagens com despesas pagas pelo governo," já é um progresso sobre os tempos em que o colono tinha que pagar sua própria passagem com árduo trabalho. Numa outra edição do "Hansabote" achamos um anúncio em língua alemã, ladeado por pontos de exclamação, cada um com 5 cm de altura, que traduzimos aqui: "O Governo Brasileiro oferece passagens gratuitas ao imigrantes que vem a pedido de parentes ou amigos. Os interessados devem dirigir-se por escrito à Diretoria de Povoamento do Solo do Rio de Janeiro, ou ao Inspetor de Povoamento, Florianópolis". Mais adiante pode-se ver que posição tomavam os colonos: "Quando o colono alemão se nega a ser encarado apenas como pagador de impostos, nenhum luso-brasileiro se incomoda, enquanto isto acontecer objetivamente e não por orgulho ou prevenção. Para os novos colonos a situação é clara e simples. Eles não vêm como conquistadores alemães, nem tampouco como patriotas brasileiros que ardem por enriquecer o país com o suor de seus rostos. Eles aceitam as terras da companhia Colonizadora Brasil e querem fazer um bom negócio, não apenas teoricamente, mas de fato. Infelizmente, apesar de toda a boa vontade da Companhia, ela nem sempre foi muito obsequiosa. A constatação de tal fato é de ambos os lados algo puramente comercial. No negócio de terras onde o elemento humano é envolvido em grande escala,

che und nüchterne. Sie kommen weder als deutsche, wenn auch friedliche Eroberer, noch als brasilianische Patrioten, die darauf brennen, Brasilien mit ihrem Schweisse gross zu machen. Sie nehmen vielmehr Grund und Boden von der Landfirma Brasilien und möchten dabei nicht bloss angeblich, sondern tatsächlich möglichst günstige Bedingungen haben. Leider war bisher die Kulanz der Firma bei im ganzen wohlwollender Gesinnung doch eine recht geringe! Die Feststellung einer 'solchen Tatsache ist auf beiden Seiten etwas rein Geschäftliches; im Landgeschäft, wo viele Menschenkräfte mitbeteiligt sind, gewinnt sie leicht den Anschein einer politischen Handlung. Man tut aber gut, die Sache auf dem geschäftlichen Gebiet auszuhandeln".

"Der Hansabote" vom 28. März 1908 bringt auf seinen vier Seiten einen ausführlichen Bericht über den

Schulverband Hansa

Grundsätzlich wird erklärt: "Was von allen Seiten, die sich für das Schulwesen interessieren, für die älteren Schulen erst gewünscht und gefordert wird, das hat die Kolonie Hansa fast von Anfang an gehabt, nämlich einen Schulverband. So fordert der Präsident der Staatsregierung auf, grupos escolares zu bilden; die Ortsgruppe Hamburg des Allg. Deutschen Schulvereins schreibt: Immer wieder haben wir den Zusammenschluss der Schulen zu Schulverbänden angeregt. Verbandsschulen können stets auf unsere materielle und moralische Unterstützung rechnen. Auch andere gewichtige Freunde machen ihre Bereitwilligkeit zu Unterstützungen von der Zugehörigkeit zum Verband abhängig. Wenn Besuche in die Kolonie kommen, ein Governador, Konsul, Superintendent, Aufsichtsrat oder sonst ein Gönner, so kann von einer Stelle aus, nämlich der Verbandsleitung, verlässliche Auskunft erteilt werden, wie die 30300 Kinder der Kolonie unterrichtet werden; in Verbands-Versammlungen werden die allgemeinen Verhältnisse geregelt. Der Verband bildet das Gegengewicht bei örtlichen Treibereien oder gar Hetzereien, ordnet und vermittelt bei Misshelligkeiten innerhalb der Vereine oder zwischen Vereinen und Lehrern; ermöglicht die Lehrer Aus- und Weiterbildung, überwacht den Schulbetrieb, bekämpft schädigende

isto toma freqüentemente o aspecto de uma ação política. Dever-se-ia conservar sempre o caso em terreno estritamente comercial".

"Der Hansabote" de 28 de março de 1908 traz em suas quatro páginas um extenso comentário sobre a

Associação Escolar Hansa

Fundamentalmente declara-se: "O que é desejado e exigido para as escolas mais antigas – por todos aqueles que se interessam por elas – isto a colônia Hansa já introduziu desde o começo, isto é, a Associação escolar. O presidente do governo estadual exige: formar grupos escolares (Transcrevendo esta frase assim, dr. Aldinger não reparou que o termo técnico "grupo escolar" não tem nada com uma Associação de escolas). A filial de Hamburgo da Associação Geral de Escolas Alemãs escreve: Sempre insistimos na união das escolas em associações escolares; escolas unidas podem sempre contar com nosso apoio moral e financeiro. Também outros benfeitores fazem sua boa-vontade depender da união a associações. Quando chegam visitas na colônia, governador, cônsul, superintendente, inspetor ou outro benfeitor, logo a diretoria da associação pode dar informações seguras e corretas sobre como estão sendo educadas as 300 crianças de toda colônia. Nas reuniões da associação são discutidas e resolvidas quaisquer perguntas pertinentes a escola. A associação contrabalança perseguições locais e inimizades, ordena e concilia desavenças internas numa escola ou entre diretoria e professorado. Permite extensão de estudos a professores, fiscaliza o funcionamento das escolas e combate influências negativas de fora com mais energia do que as escolas isoladas e com isso consegue mais assistência. "Na Associação se uniam onze escolas, sendo seis do grupo Hercílio: Hamônia, Selin, Rafael, Nova Bremen, Nova Zurich, Scharlach (hoje José Boiteux), e cinco do grupo Itapocu: Isabela Baixa, Bonpland, Rio Paulo, Isabela Alta e Rio Novo. Uma tabela clara permite ver melhor a situação, por exemplo: "Escola Hamônia desde 1º. de janeiro de 1902, professor A. Mueller desde 1º. de janeiro de 1906, 1ª. a 4ª. classe, 32 alunos, dias úteis 256, percentagem de faltas 19,6, direção Hager, Fredel, Engelhardt, anotações: desde a Páscoa cursos de extensão duas vezes por semana com 2 a 5 alunos". O inspetor escolar dr. Aldinger tinha perfeito conhecimento da situação de suas

Einflüsse von aussen kräftiger als die Einzelschule und erwirkt Beihilfen". Im Verbande waren elf Schulen zusammengeschlossen, nämlich sechs in der Gruppe Hercilio: Hammonia, Sellin, Rafael, Neubremen, Neuzürich, Scharlach, und fünf in der Gruppe Itapocu: Unt. Isabella, Bonpland, Rio Paulo, Ob. Isabella und Rio Novo. Eine klar aufgestellte Tabelle gibt nähere Auskunft, z. B. "Schule Hammonia seit l. 1. 02, Lehrer A. Mueller seit l. 1. 06, Klassen 1 – 4, Schüler 32, Schultage 256, Prozent der Fehltage 19,6, Vorstand Hager, Fredel, Engelhardt, Bemerkungen: Seit Ostern 2mal wöchentlich Fortbildungsschule mit 2 – 5 Schülern". Der Schulinspektor war sich über das Besondere seiner Schulen völlig klar: "Die Hansaschulen hatten bisher die Art von Schulen einer neuen Kolonie, d. h. die Schule hatte es nicht bloss mit regelmässig eingetretenen und zusammengesetzten Jahresabteilungen zu tun, die nach dem methodischen Gang des Lehrplans zu unterrichten waren, sondern oft musste auf Schüler Rücksicht genommen werden, die in 1 – 2 Jahren überhaupt ausgebildet werden sollten, oder die in dieser Zeit nach längerer Pause seit der Abreise von Europa das früher Gelernte wiederholen und das auf Brasilien Bezügliche zulernen sollten. Immerhin hat sich schon bis heute eine bedeutend grössere Regelmässigkeit ergeben". Auch Religionsunterricht wurde erteilt; wir finden hier inbezug auf das Auswendiglernen einen markanten Ausspruch: "Dass Religion gewissermassen mehr eingeatmet und gefühlt, als gelernt und gelehrt werden soll, ist eine schöne, aber schliesslich zu geistiger Verarmung führende Forderung. Ein fester Besitz von Bibl. Geschichte, Sprüchen und Liedern ist ein wertvoller Schatz für die ganze Lebenszeit". So war das Schulwesen bestens geordnet, und nicht nur Eltern und Schüler durften zufrieden sein: "Gegen Ende des Jahres war der staatliche Chef des Schulwesens in Blumenau, Herr Francisco Margarida, in Hammonia, besuchte die dortige Schule und sprach sich sehr befriedigt über den Unterricht im Portugiesischen aus. Der Leiter des Schulverbandes hat ihm die Bitte vorgelegt, auf eine staatliche Unterstützung der Verbandsschulen hinwirken zu wollen". Mit Wehmut gedenken wir jener Tage, die der zweite Weltkrieg mit sich brachte. Sehr eindrucksvoll sind die Zeilen, in denen wir von dem

escolas. "As escolas de Hansa pertenciam até agora ao mesmo tipo de escola que se encontra em todas as colônias recém-fundadas, isto é, a escola não lidava somente com turmas regulares, anualmente matriculadas e educadas conforme um plano metódico de ensino, mas tinha que tomar em consideração alunos que terminavam o curso em um ou dois anos, ou que tinham que recapitular tudo no Brasil depois de extensa pausa devido à partida da Europa e além disto aprender coisas sobre este País que não se ensinam na Europa. Em todo caso nota-se até agora maior e mais persistente regularidade". Também o ensino religioso era dado. A respeito de "decorar" existe uma marcante sentença: "Que a Religião deve ser, por assim dizer, mais aspirada e sentida do que ensinada e aprendida, é uma exigência muito bonita, mas que conduz ao empobrecimento espiritual. Um conhecimento firme de historia bíblica, de palavras bíblicas e de hinos é um tesouro precioso para toda a vida". Assim o ensino estava perfeitamente coordenado, e não só os pais e alunos estavam satisfeitos, pelo que se vê: "Pelo fim do ano o chefe do Departamento Estadual de Escolas em Blumenau, sr. Francisco Margarida visitou Hamônia e a escola local, e ficou entusiasmado com o ensino do português. O diretor da Associação escolar pediu que ele se interessasse por um auxílio estadual para a Associação. Com tristeza relembramos daqueles dias e das conseqüências da 2^a. Guerra Mundial".

Impressionantes são as linhas nas quais se fala a respeito dos

Esforços para aprender o vernáculo

"De tempo em tempo se lê que alguns exagerados jornais luso-brasileiros iniciam uma gritaria contra as escolas alemãs nas colônias. Estes ignorantes reclamam ao invés de pensar e agradecer. Eles não sabem quão heroicamente estas escolas batalham por dar às crianças uma instrução conveniente sem auxílio ou atenção do Governo Estadual. Eles não sabem dos esforços emocionantes destas escolas do interior em ensinar também o português. Pensar-se-ia que há muito os Governos Estaduais teriam cuidado em fornecer excelentes meios de instrução, adaptados para o ensino da língua natal em escolas rurais, a saber quadros instrutivos, cartilhas e livros de leitura, que aos professores fosse possibilitado um curso de extensão em português. Qual nada! Também neste ponto escolas e professores tinham que confiar em si mesmos. E eles o faziam

Mühen um die Landessprache

hören. "Von Zeit zu Zeit liest man, dass sich einige übereifrige Lusobrazilianer mit grossem Geschrei in der Presse über das Deutsche Schulwesen in deutschen Kolonien aufregen. Das sind unwissende Leute, die schimpfen, statt zu denken und zu danken. Sie wissen nicht, welche heldenhaften Anstrengungen diese Kolonisten machen, um, ohne Unterstützung und Beachtung seitens der Staatsregierung, ihren Kindern überhaupt eine Schulbildung zu gewähren. Sie wissen nicht, welche rührenden Anstrengungen diese Kolonieschulen machen, um auch die portugiesische Sprache zu lehren. Man sollte denken, dass die brasilianischen Staatsregierungen schon längst dafür gesorgt hätten, dass ausgezeichnete Lehrmittel zur Erlernung der portugiesischen Sprache in Kolonieschulen vorhanden sind, Anschauungstafeln, Fibeln, Lesebücher, dass den Lehrern ermöglicht würde, Unterrichts- und Fortbildungskurse im Portugiesischen durchzumachen. Nichts davon! Auch darin waren die deutschen Schulen und Lehrer auf sich selber angewiesen. Und sie helfen sich in steigender Masse. Freilich, in der ersten Zeit war es schwierig und peinlich, den portugiesischen Unterricht passend einzurichten. Leider kamen mir die besten vorhandenen deutsch-brasilianischen Lehrmittel für Deutsch und Portugiesisch, nämlich Fibel und Lesebuch von Rotermund erst zu Gesicht, als hier schon die umgearbeitete Häster'sche Fibel und das Bieri'sche Lesebuch eingeführt waren. Diese beiden Lehrmittel sollen sich auf einander beziehen, tun es aber tatsächlich weder im Deutschen noch im Portugiesischen... Wir müssten zunächst Anschauungsbilder haben mit portugiesischen Bezeichnungen der Dinge, grosse Tafeln und kleine Bilderbücher in die Hand der Kinder, wodurch die Kenntnis der nächstliegenden Gegenstände leicht vermittelt und ein Schatz von Ding- und Eigenschaftswörtern erworben wird. Nach der Anschauung und Erwerbung des Dingworts mit seinen Eigenschaften kommt die Übung der Handlung .. Um zu beschreiben, was beim Gang in die Schule, beim Essen u. dgl. alles getan wird, muss der Lehrer gegenwärtig die Wörter mühsam aus den Wörtern von Fibel und Lesebuch und den grösseren Rest aus dem Lexikon zusammensuchen. Sind nun auch genügend Tätigkeitswörter bekannt und in den Hauptzeiten geübt, dann ist die Er-

cada vez mais. Logicamente nos primeiros tempos foi difícil e penoso organizar convenientemente o ensino do português. Infelizmente só tive notícia da cartilha e do livro de leitura de Rotermond quando já tínhamos introduzido a cartilha modificada de Haester e o livro de Bieri. Estes dois deviam basear-se um no outro, mas infelizmente não o fizeram, nem em português nem em alemão. Tínhamos que ter primeiro quadros com legendas em português, quadros grandes a ser usados nas escolas e pequenos livros de figuras em mão das crianças onde o conhecimento dos objetos mais próximos se torna fácil e onde é adquirido um tesouro de palavras e expressões comuns. Depois da compreensão do substantivo e seu significado, vem o exercício da conjugação... Para descrever o que acontece durante o caminho para a escola, durante a refeição etc., o professor atualmente tem que procurar a muito custo na cartilha e livro de leitura as palavras certas, às vezes até mesmo no dicionário. Se suficientes verbos são conhecidos e praticados nas suas conjugações, então a criança pode contar suas aventuras na língua estranha e encontrará muito mais estímulo e alegria no estudo".

Não queremos e podemos reproduzir aqui todas as páginas do "Hansabote", ainda mais que é sabido que o mestre se mostra na limitação. Contudo, um relatório que percorria dois números, ainda devemos mencionar. Aqui se exprime o

ENTUSIASMO PELA SELVA,

pela floresta virgem em toda a sua grandeza, como atributo tipicamente europeu. Revelam-se vontade e dedicação de explorar as regiões desconhecidas, revelam-se também simpatia e responsabilidade para com os bugres, os antigos habitantes da terra. A região dos pinheirais, entre os riachos Krauel e Índios, se dirigiu uma expedição. "Ponto de partida foi Nova Zurich onde o sr. Grage gentilmente cedeu sua casa. Os srs. R. Gut e J. Schweizer nos emprestaram suas canoas para subirmos o Krauel... Este rio descortina belas paisagens aquáticas e terrestres. Às vezes as canoas tinham que ser puxadas sobre baixios ou troncos encalhados. Após aproximadamente quatro horas o destino provisório da viagem foi alcançado. Ali às margens do rio se aproximam formando uma garganta estreita com altos barrancos, numa extensão de trezentos metros mais ou menos, e o leito do rio está cheio de rochas pontiagudas. Um pequeno

zählung eigener Erlebnisse ganz in der Fremdsprache für das Kind möglich und wird in ihm die Freude an dem selbstständigen Können erweckt".

Wir können und wollen nun nicht alle Seiten des "Hansaboten" nachdrucken, zumal sich bekanntlich der Meister erst in der Beschränkung zeigt. Einen auf zwei Nummern verteilten, längeren Bericht müssen wir aber dennoch erwähnen. Hier bricht die europäische

Freude am Urwald,

an der unberührten Gottesschöpfung, am Erforschen des Unbekannten und auch die Verantwortung für die alten Einwohner des Landes voll hervor. Zum Piniengebiet zwischen den Flüsschen Krauel und Indios ging eine Entdeckungsfahrt. "Ausgangspunkt war Neuzürich, das freundlich zur Verfügung gestellte Haus von Herrn Grage. Die Herren R. Gut und J. Schweizer überliessen uns ihre Kähne, um den Krauelfluss hoch zu fahren. Das Flüsschen bietet überaus anmutige und stimmungsvolle Wald - und Wasseransichten. Manchmal mussten die Kähne über Untiefen oder querliegende Stämme gezogen werden. Nach etwa 4 Stunden war das vorläufige Endziel der Kahnfahrt erreicht. Die Ufer treten jetzt auf etwa 300 m eng und steil zusammen, und das Flussbett ist durch grosse Felsstücke und Steine gesperrt. Eine kleine seeartige Erweiterung vor den Steinen, umrahmt von Busch und Wald, erinnert lebhaft an Szenarien, wie sie die Gartenkunst den Fürstenschlössern des 18. Jahrhunderts schuf. Kurz vor den Steinen hatten Jäger einen kleinen, eben ausreichenden Rancho (eine aus einem schiefen Dach bestehende Blätterhütte) gebaut, den wir bezogen. Gleich die erste Nacht brachte Regen, der den folgenden Tag anhielt. Das Heldenbuch der Portugiesen, die Lusiaden von Camões, bereitete uns auf die kommenden Tage und Taten vor. Der nächste Tag, wie die andern mit Gebet und einem Kapitel von Bernieres "Verborgnem Leben mit Christo in Gott" begonnen, war noch feucht, zudem Sonntag, und wurde daher mehr zu einem Gang durch den Wald als zu der Arbeit benützt, einen Durchhau (Pikade) durch den Wald flussabwärts zu machen... Während die andern eine Hütte bauten, ging ich

lago, antes do estreito, ladeado por arbustos e floresta, lembra intensamente os cenários criados pelos jardineiros para os castelos do século XVIII. Neste largo achava-se um rancho, construído por caçadores, constando de um telhado coberto de folhas inclinado, onde nós acampamos. A primeira noite trouxe chuva que continuou por todo o dia seguinte... O livro épico dos portugueses, "Os Lusíadas", preparava-nos para as aventuras dos dias vindouros. O dia seguinte começado como os outros com prece e um capítulo de "Vida oculta com Cristo em Deus" de Berniere, ainda era úmido e além disto domingo, e por isto passeamos pela floresta ao invés de cortar uma picada em direção ao rio. Enquanto os outros construíam uma cabana, segui um pouco rio acima até a afluição de um riacho maior, orientando-me pela carta do Krauel feita pelo engenheiro Deeke. Dai em diante começava o desconhecido, sempre rio acima em direção ao ocidente. Mas acima o vale se alarga e achata e o leito do rio se torna mais uniforme; a água corre sobre belos blocos de arenito, um descanso para os pés do sr. Stieren que não simpatizava com o agulho cascalho e pedras. A noite entrou e ficamos à beira do riacho; o capim seco produziu um fogo alegre e claro. É raro dormir-se até de manhã sem interrupção, num acampamento destes; geralmente pela meia-noite coloca-se mais lenha no fogo, deixando o corpo esquentar, para entregar-se de novo ao sono, protegido por seis cães. Quem primeiro acordar, quando o sol pisca pela folhagem das árvores altas, põe a água a ferver para o café matinal, acompanhado sempre de farinha de mandioca. Nesta hora toda a beleza do acampamento na selva se desdobra. Nenhuma conta a pagar! Nenhuma gorjeta para dar! Cuidado para não esquecer nada! Com profusa alegria foi recebido o primeiro pinheiro, característico do planalto. J. Schweizer entalhou o brasão suíço na casca e tomou posse da terra com o nome de Suíça Brasileira. Esperamos que o resultado disto não seja uma guerra marítima ou colonial com a Confederação Suíça... O tronco, mais largo do que um homem, e reto até a copa, foi escalado por R. Hergert que nos comunicou os acidentes do terreno à nossa volta e que às duas ou três horas de viagem, num mato saía uma coluna de fumaça. Provavelmente um acampamento de bugres à nossa frente. Estes extensos pinheirais, longe da civilização eram até agora o lugar mais seguro para os indígenas, fornecendo-lhes alimento em profusão, e reclusão. Dever-

am Flusse etwas höher, wo gleich darauf ein grösserer Bach einmündete, und orientierte mich genau nach der von Herrn Ingenieur Deeke gemachten Aufnahme des Krauel... Nun ging es ins Unbekannte, den Bach aufwärts, in ziemlich westlicher Richtung... Oben wird das Tal flacher und weiter; der Lauf des Baches regelmässiger; das Wasser fliesst oft über schöne Sandsteinplatten hin, ein Labsal für die Füsse von Herrn Stieren, die sich mit den rauhen, und einzelnen Steinen und Felsbrocken nicht befreunden wollten... Die Nacht brach an; wir blieben neben dem Bache; die trocknen Rohrstangen gaben ein lustiges, helles Feuer... In einem Zuge verschläft man gewöhnlich die Nacht im Waldlager nicht. Nach Mitternacht wird man meist wach, schürt das Feuer auf, wärmt sich durch und legt sich von neuem zum Schlaf, den sechs Hunde bewachen. Wer zuerst aufwacht, wenn der Himmel etwas heller durch die Bäume scheint, setzt den Wassertopf ans Feuer zum Fröhkaffee, der mit trockenem Maniokmehl gereicht wird. Die volle Schönheit eines Urwaldlagers kommt aber beim Aufbruch zum Vorschein! Keine Rechnung und kein Trinkgeld! Achtung nur, dass nichts vergessen wird! Mit lautem Freudengeschrei wurde die erste Pinie, der charakteristische Nadelholzbaum des Hochlands, begrüsst. J. Schweizer schnitt das Schweizerwappen hinein und nahm vom Lande als "brasilianische Schweiz" Besitz. Ob ein Kolonial- und Seekrieg mit der Schweiz daraus sich ergibt, weiss ich nicht... Der mannsdicke überaus hohe, ganz gerade Stamm wurde von R. Hergert erklettert, der von seinem hohen Standort aus nicht bloss die Lage von Berg und Tal beschrieb, sondern auch meldete, dass gerade aus vor uns, in etwa 2 – 3 Stunden zu erreichen, eine Rauchsäule sich aus dem Walde erhebe .. Ein Indianer (Buger-) Lager musste vor uns liegen... Das Pinheiral, bis jetzt völlig weltabgeschieden und Pinien- und Kokeiren-Nahrung bietend, war bisher der sicherste Zufluchtsort der Wilden. Zu versuchen, diesen hier eine Art von Schonplatz zu belassen, sie zu zähmen und sie vom reinen Jagd- und Früchte-Sammelleben zu einer Wirtschaftsform mit etwas Pflanzung und Viehhaltung überführen, wäre christlich und menschlich... Das Reservat wäre gewissermassen ein vorzeitliches Museumsstück im Freien, müsste aber unter Ausnahmegesetz stehen, denn um die Wilden des Urwalds in eine schnapssaufende Bande

se-ia tentar conservar este lugar, amansar os índios e fazer deles um povo agricultor; do povo guerreiro e caçador que são, transformá-los em criadores.

Seria um belo e humanitário ato cristão. A reserva seria uma espécie de museu ao ar livre, devendo porém estar sob legislação especial. Não tenho nenhuma vontade de levantar minha mão para transformar índios em vagabundos beberrões”.

Quem seria este que lia os Lusíadas no meio da selva, que publicava o “Hansabote”, que como fiel pastor cuidava da Comunidade Evangélica, que como professor era responsável pela juventude e como inspetor pela Associação Escolar, que como diretor guiava a Associação de Auxílio ao Agricultor, que levou a Sociedade de Laticínios a medalhas de ouro, que não ignorou de ser benquisto pelo governo”? Era um

Pastor de Württemberg

Dr. Phil. Paul Aldinger, nascido a 23 de agosto de 1869, emigrado, após ter estado transitório na Rússia, em 16 de junho de 1901. O livro “Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina” (Comemorativo ao centenário da emigração alemã em Santa Catarina) 1929, diz o seguinte: “Como colono igual a muitos em Hansa-Hamônia, isto é, não enviado, empregado ou chamado - emigrado com o propósito de conhecer a vida do colono em todos os detalhes, escrever artigos ... e cuidar de escolas e igrejas na colônia desde o princípio”. *Ele mesmo contou uma história engraçada que se repetiu várias vezes. Foi neste tempo quando sua propriedade “Palmenhof” já era bem conhecida na Europa. Aconteceu que chegaram emigrantes novos em Hansa-Hamônia. Logo queriam ver a obra do Dr. Aldinger a cujo respeito tinham ouvido tanto. Espiaram onde pudessem encontrar a fazenda magnífica com edifícios pomposos que tinham criado na sua imaginação. Mas que desilusão, encontraram unicamente algumas barracas e depósitos rústicos. Então queriam visitar o célebre doutor na sua plantação. Este trabalhava em trajes simples, somente com calça e camisa, como colono qualquer na sua roça. Os visitantes não o reconheceram, e sucedeu mais uma vez que ele mesmo podia ouvir a pergunta delicada: “Queira informar-me, por favor, onde encontramos o Sr. Dr. Aldinger”? E, apresentando-se, gostou sempre destas fisionomias que refletiam*

von Zigeunern zu verwandeln, dazu möchte ich weder die Hand noch die Veranlassung bieten".

Wer war es nun, der mitten im Urwalde die "Lusiadas" las, der den "Hansaboten" herausgab, der als treuer Seelsorger die Evangelische Gemeinde versorgte, der als Lehrer für die Jugend und als Schulinspektor für den Schulverband verantwortlich war, der als Direktor den Landwirtschaftlichen Hilfsverein leitete, der die Milchverwertungs - Genossenschaft zu Goldmedaillen führte, der sich "des Wohlwollens der Regierung freuen konnte"? Es war

Ein Württembergischer Pfarrer,

Dr. phil. Paul Aldinger, geboren am 23. August 1869, eingewandert, nach einer Gastrolle in Russland, am 16. Juni 1901. Das "Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina" 1929 bemerkt ausdrücklich: "Als Ansiedler in Hansa-Hammonia wie jeder andere – also nicht ausgesandt, angestellt oder berufen – eingewandert mit der Absicht, das Kolonistenleben von Grund auf kennen zu lernen, in Berichten... darzustellen und in der Kolonie für das Kirchen- und Schulwesen von Anfang an besorgt zu sein*. In 26 Brasilienjahren hat Dr. Aldinger, als Junggeselle übrigens, gezeigt, aus welchem Holz er geschnitzt war. Von seiner steten Hilfsbereitschaft, von seiner umfassendem Gastfreundlichkeit wird oft erzählt. Er war ein Mann, der keinen Feind besass, den alle gerne hatten. So ist es verständlich, dass sein Bildnis mitten in der Kirche von Ibirama noch heute jeden Gottesdienstbesucher grüsst.

Dem Berichte liegen die Ausgaben des Blattes "Der Hansabote", 4. Jahrgang, Nr. 6 vom 28. März 1908, Nr. 7 vom 25. April 1908, Nr. 8 vom 30. Mai. 1908; 5. Jahrgang, Nr. 1 vom 10. Oktober 1908, Nr. 2 vom 7. November 1908, Nr. 5 vom 6. Februar 1909 und Nr. 11 vom 7. August 1909 zugrunde. Weitere Einzelheiten finden sich in der Gedenkschrift "Comunidade Evangélica Ibirama – Evangelische Kirchengemeinde Ibirama, 22-5-1904 / 22-5-1954".

abertamente uma decepção tremenda^{**}. Em 26 anos de serviço no Brasil, o nosso pastor Aldinger provou a sua vocação. Aliás, era solteiro. Sempre pronto a ajudar, de uma larga hospitalidade era o centro de muitos comentários. Era um homem que não tinha inimigos, ao qual todos queriam bem. Por isto é compreensível que seu retrato ainda hoje saúda todos os visitantes da igreja de Ibirama.

Serviram de referência para o presente artigo as edições do “Hansabote” de: 4.º ano, nº 6 de 28 de março de 1908, nº 7 de 25 de Abril de 1908, nº 8 de 30 de maio de 1908; 5.º ano, nº 1 de 10 de outubro de 1908, nº 2 de 7 de novembro de 1908, nº 5 de 6 de fevereiro de 1909 e nº 11 de 7 de agosto de 1909. Mais detalhes encontram-se no memorial “Comunidade Evangélica Ibirama - Evangelische Kirchengemeinde Ibirama, 22-5-1904 / 22-5-1954”

^{**} Este trecho da tradução não consta do texto escrito em alemão.

Burocracia & Governo

As Homenagens de Blumenau ao Interventor Federal*

Nesta seção de "Burocracia & Governo" buscamos para o leitor e pesquisador alguns discursos que foram proferidos pelas autoridades blumenauenses durante a visita do Interventor Estadual Dr. Nereu Ramos, no dia 20 de abril de 1940. Naquela oportunidade o interventor veio acompanhado de uma comitiva para realizar vários atos de inaugurações de obras municipais.

O evento alcançou larga repercussão na cidade e região do vale. As falas que aqui publicamos retratam o estilo lingüístico e o espírito nacionalista da época getulista. Para conhecimento, retratamos o roteiro de visitas e inauguração.

O Dr. José Ribeiro Carvalho, Promotor Público, durante a inauguração do prédio da Prefeitura Municipal de Blumenau, pronunciou o seguinte discurso:

"Mais uma vez fui escolhido para trazer a v. excia. a saudação do povo de Blumenau.

É bem verdade, e sou o primeiro a proclamar, outros que aqui vivem bem melhor, mais aprimoradamente e com mais brilho se desincumbiriam da missão, mas não menos verdade é que para dizer a V. Excia. da alegria que vai na alma de cada habitante desta comarca por vê-los sempre prontos a com eles comungar nas horas de satisfação em que, na atual administração, pelo operoso e esforçado Prefeito Ferreira da Silva,

**) Publicado no Diário Oficial do Estado de 23 de abril de 1940.*

realizadas são diversas de suas aspirações, desnecessário se torna o possuir de dotes oratórios, mistér não é ter inteligência, precisos não se fazem arroubos gongóricos.

Basta falar a linguagem simples, daqueles que, como este povo, têm a convicção de que trabalham e de que produzem.

Mas, Exmo. Sr. Interventor Federal, o mandato de que estu investido neste momento, outros poderes têm além daquele de solicitar de v. excia. que inaugure o edifício do Paço Municipal.

É que a população deste município, que já ouviu de V. Excia. em brilhante discurso, a afirmação de que Blumenau não é uma cidade estrangeira, não esqueceu que precisa agradecer-lhe publicamente a honra de ter trazido a visitá-la a figura inconfundível do Presidente Getúlio Vargas, que, confirmando as palavras de V. Excia., declarou não era aqui um lugar onde desconhecida fosse a língua portuguesa e amortecidos estivessem os sentimentos de brasilidade.

Muito ao contrário, afirmou S. Excia., notara, por toda a parte, o entusiasmo espontâneo e luminoso, o sentimento de fraternidade brasileira e de amor a nossa terra.

O que de alegria, o que de vibração, causaram a afirmação de V. Excia. e as palavras do eminente Presidente Vargas, estão ainda na mente de todos que aqui se acham, desnecessário, portanto, fazer sua descrição.

Aliás, Exmo. Sr. Interventor, deste povo, outro não podia ser o sentimento.

Impossível deixar de se achar possuído de entusiasmo espontâneo, de sentimento de fraternidade brasileira, de amor a nossa terra, quem, como o povo catarinense, acompanhando a vida pública de seu dirigente, nada mais tem a fazer que seguir-lhe os exemplos e os ensinamentos.

Não pode deixar de se achar possuído de um entusiasmo espontâneo, de sentimento de brasilidade de amor a nossa terra Barriga-Verde e aqueles que aqui vivem, têm a governá-los na afirmação, feliz e cheia de verdade do Chefe Supremo do País, um homem de segura visão administrativa, realizador e cômscio dos seus deveres em face do novo regime instaurado para mobilizar todas as energias moças e criadoras com o supremo objetivo de fazer mais unida e mais forte a Pátria Brasileira”.

Damos abaixo o discurso pronunciado pelo Dr. João de Luna Freire, Juiz de Direito da Comarca, ao serem inaugurados os retratos dos Srs. Presidente Getúlio Vargas e Interventor Nereu Ramos, no salão nobre da Prefeitura de Blumenau:

“Inaugurando-se as novas instalações do Governo Municipal, desta cidade, achou o Sr. Prefeito essa solenidade devia ser acompanhada da inauguração, nesta sala nobre da Prefeitura, dos retratos dos dois insígnies brasileiros, doutores Getúlio Vargas e Nereu Ramos, que nesta hora grave da história, presidem respectivamente o Brasil e Santa Catarina.

Se não poderia ser mais acertada a lembrança de, nesta festa, prestar o Município uma homenagem oportuna e necessária ao eminente chefe da Nação e ao ilustre catarinense que com tanto realce governa o nosso Estado, já o mesmo não se pode ver no gesto, é bem verdade que para mim honroso, de indicar-me o Sr. Prefeito para falar neste ato quando todos sabem que não tenho predicados de orador. Embora assim pensando, porém, por dever cívico, tratando-se de tão conspicuos homenageados, aqui estou, Sr. Dr. Nereu Ramos, para testificar, com os presentes, por mais esta demonstração de reverência e simpatia, a estima pública de Blumenau pelo Dr. Getúlio Vargas e por V. Excia., pois nada enobrece mais o cidadão que manifestar nessas ocasiões sentimentos de gratidão e acatamento àqueles que carregam sobre seus ombros, como Atlantes, as tarefas pesadas do Estado, condignamente.

Em Blumenau, como alhures, por toda a extensão do nosso vasto País, nunca o povo duvidou do fundador do Estado Novo. Vimos como foi ele aqui alegremente festejado. E por que isso? É que a intuição popular jamais se engana. O povo brasileiro acredita no patriotismo do Presidente Vargas que, em cada jornada do seu governo se mostra o arquiteto de uma pátria em renovação. Já no antigo candidato da Aliança Liberal divisava o povo o clarão de uma nova aurora. E esta vemos que se transformou no claro dia de sol de uma legislação humanitária. E quem aqui em Santa Catarina mais preconizou o advento desse homem, hoje vinculado aos destinos da Nação? Foi Nereu Ramos, cuja ação governativa, dedicada especialmente ao ensino primário, aos serviços de saúde pú-

blica, tanto o tem distinguido no movimento de bem público imprimido ao País pelo popularíssimo Presidente. Direi mesmo estimadíssimo Presidente, pois que ontem, data aniversária de seu natalício, partindo de todos os recantos da Pátria, foi levado por todos os fios do telégrafo nacional, imprensa e rádio, ao coração de S. Excia., o sopro de assentimento das almas brasileiras ao regime que ele está realizando.



O Interventor Nereu Ramos, o bispo diocesano e outras autoridades presentes na inauguração do Busto do Dr. Blumenau na Alameda Rio Branco em 21 de abril de 1940.

Senhores, a administração municipal é a que por sua natureza está mais próxima das necessidades do povo. Aqui, portanto, ficam muito bem esses retratos de amigos do povo. Em nome do Sr. Prefeito de Blumenau declaro inaugurados os retratos, pedindo ao Dr. Nereu que descortine o retrato do Presidente da República e rogando a S. Excia. Revma. D. Pio de Freitas que faça o mesmo com o retrato do Dr. Interventor”.

Ao ser instalada a Coletoria, com a inauguração dos retratos dos Srs. Presidente Getúlio Vargas, Interventor Nereu Ramos, Altamiro Guimarães e Otávio Oliveira, o Sr. Ricardo Schwancke, Coletor Estadual disse o seguinte:

“Não fora o entusiasmo que inflama o meu coração e dos meus auxiliares nesta repartição, o dever de prestar homenagens àqueles que por merecimento próprio se tornaram delas merecedores, por certo, eu não arrojaria a empreender esta modesta solenidade, e muito mais ainda, a me tornar alvo das vossas atenções, por isso mesmo que prefiro viver na sombra dos meus companheiros de trabalho, atenção toda voltada, sem tibieza e sem desfalecimentos, para os meus árduos e espinhosos deveres funcionais.

Todavia, meus senhores, eu me sinto bem à vontade neste momento, para dar cabal desempenho à minha tarefa, senão com o brilho dos favorecidos pelo talento, ao menos com a roupagem significativa da modéstia e da sinceridade, que são também virtudes apreciáveis, dignas dos homens que se prezam e sabem prezar os seus semelhantes.

A coletoria Estadual de Blumenau não podia, na hora de sua remodelação interna, esquecer as figuras proeminentes de seus inclitos chefes - o Presidente Getúlio Vargas, o Interventor Nereu Ramos, o Secretário Altamiro Guimarães e o Diretor Otávio de Oliveira.

Do primeiro ao último, todos eles conquistaram merecidamente a gratidão pública, pelos seus elevados propósitos e pela obra gigantesca que vêm executando em pról da grandeza nacional.

Focalizar a personalidade de cada um, no setor de sua atividade governamental, seria empreendimento superior às minhas forças, além do motivo para vos deter por mais tempo do que o protocolar.

Aí está a história de dez anos falando expressivamente a linguagem positiva dos fatos; aí está a conduta altaneira e retilínea desses homens públicos, mostrando o espírito de sacrifício e o potencial de energias que revelam as qualidades másculas da nossa raça; aí estão os acontecimentos de um decênio, testemunhando vibrantemente a têmpera de aço desses denodados patriotas, que juntos a tantos outros, conduzem o Brasil para os seus gloriosos destinos.

Impulsionados por estes sentimentos, rendidos à evidência dos fatos e conduzidos pelos ditâmes da Justiça, nós os funcionários da Coletoria Estadual de Blumenau, sentimos de nosso dever inaugurar os seus retratos na sala dos nossos trabalhos, para que eles nos sirvam de exemplo e nos encorajem nas horas de hesitação e de dúvida.

Mais uma vez se confirma a sabedoria do mandamento que ordena se honre o mérito.

Declarando, pois, inaugurados os retratos do Presidente Getúlio Vargas, do Interventor Nereu Ramos, do Secretário Altamiro Guimarães e do Diretor Otávio de Oliveira, na sala da Coletoria Estadual de Blumenau, eu peço a Deus que continue a inspirá-los nas fontes da virtude e do bem e que os conserve para a grandeza do Brasil e para a integridade da Pátria”.

**Verbetes
para a
História
Catarinense**

**CINCO
TÍTULOS DA
BIBLIOGRAFIA**

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**

Cobre de quem cabe cobrar os cinco títulos indispensáveis às bibliotecas brasileiras, se eles já não estão nas prateleiras das estantes da biblioteca do seu bairro:

a) RAIMUNDO CARAUSO, *Noturno*, 1894. É um romance histórico pioneiro na crônica dramática de Nossa Senhora do Desterro. O livro foi premiado com o "Prêmio Cidade de Belo Horizonte - 1989", que é mantido pela prefeitura da capital de Minas Gerais. O autor é jornalista e escritor ativado no catarinensismo identificador, maiormente, compromissado.

b) LEONOR SCLiar-CABRAL, *Memórias de Sefard*. Livro para leitura com televisão desligada também por que ilustrado pelo pintor e poeta maior Rodrigo de Haro. A poética de Leonor tem raízes fincadas na lírica que os judeus injetaram na península ibérica. De certo quem tê-lo-ia lido e relido seria a poeta de "Cântaro de Ternura" (1932) Maura de Senna Pereira. A leitura da poética de Leonor leva os familiarizados com Rabindranth Tagore e Thiado de Melo sentirem as similaridades rítmicas.

c) Quem vem aumentar a quantidade de títulos da bibliografia referida e na particularidade onde o monge João Maria é personagem dominante na cosmovisão da "Guerra Cabocla", é o escritor catarina de Blumenau GODOFREDO DA OLIVEIRA NETO com o seu livro "O Bruxo do Contestado". - Romance tomado ao histó-



*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

rico do fanatismo que fez época, no vale do Rio do Peixe. - Agora temos dois romances de valores literários exportáveis e cinematografáveis, exatamente por que "Geração do Deserto", de Guido Wilmar Sassi, é também história tomada do crochê do fanatismo que a esquerda intelectualizada interpreta sendo variável de ação contra o "Coronel-de-Terras".

Não é proibido pensar assim. E não pensar assim proibido não é. Toda focalização política é dependente de algo pessoal. É cabível entender que a paisagem humana da pecuária de corte, na geografia onde ocorreu a "Guerra Cabocla" possibilitou interpretações e interpretações. Até na literatura se percebe como os ficcionistas Guido Wilmar Sassi e Godofredo de Oliveira Neto trabalharam inventivas de alto nível artístico nunca assemelhadas.

d) Sem colocarajuizamento de valores porém estabelecer detalhe quanto ao aparecimento neste agora 1997 admite-se que "Os Xokleng - Memória Visual", de autoria do antropólogo SILVIO COELHO DOS SANTOS, é o livro que faltava. E chega sob a responsabilidade de duas Universidades: (1) a UNIVALE e a UFSC.

Aqui é o momento de puxar brasa para a sardinha dos catarinas: Silvio Coelho dos Santos conduz a bandeira que o mineiro DARCI RIBEIRO (1922) criador do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, RJ, levantou e conduzia com amor integral e competente. O doutor Silvio já autor de páginas e páginas, oferta à sociedade brasileira postais da vivência do povo Xokleng. E o livro aparecido é documentário que pode inspirar crônica, conto, romance e um audiovisual.

O que, entretanto, é na categoria de "In-fólio", chama-se, sem imagem literária, o resgate plural do povo Xokleng com o aplauso consciente das prefeituras municipais de Blumenau, Ibirama e Victor Meireles. Leve-se na conta que a geografia onde funcionam as Municipalidades, tem começo da história na Kolonie Blumenau. - Então o resgate concretizado neste livro é fruto de convergência e participação, somando o interesse de público reconhecimento à nativa criatura humana Xokleng.

E aqui, e por causa do aparecimento do livro, cabe falar alto: o antropólogo Dr. Silvio foi o provocador das manifestações endereçadas à sociedade catarina, que jamais tirou da História o bugre de suas

florestas: ele contribuiu no caldeirão do processo civilizatório com a cultura que o imigrado absorveu necessariamente.

A sensibilidade do cientista social Silvio Coelho dos Santos, ultrapassa o enquadramento natural e próprio do texto científico convocando a genealidade do poeta Lindolf Bell, criatura de Deus e de Timbó, SC, (brotação do mundo Blumenau) portador da identidade carimbada na paisagem humana do homem branco tostado de sol. - E também aprendiz do Xokleng-gente na cosmovisão que as águas correntes codificam e hospedam.

O discurso do poeta, inteligente porque criado é da intimidade do misticismo-matéria no cérebro do homem. Tantas águas e tantos verdes fazem a química de tantas fraternidades no carrossel das vidas sucedidas. E no palco do tempo o poeta e o antropólogo estão genuflexos na prece-homenagem ao Xokleng:

“Se um índio Xokleng
emudeceu entre as cascatas, bagas e conchas
de seus colares de festa
graças a tua força, armadilha, raça;
cala a tua boca de vaidades
e lembra-te de tua vida, ambição crueldade

Veste a carapuça
e ensina teu filho
mais que a verdade camuflada
nos livros de história”
(Lindolf Bell, *O Código das Águas*, 1984)

Autores Catarinenses

- A Tapera
- Nova Revista
- Guia de
Escritores
- Eventos

Texto:

ENÉAS
ATHANÁZIO*



A Tapera

Por mais que esquadrinhe a memória, não consigo lembrar quando o conheci. Fico com a sensação de que nossa amizade vinha da aurora dos tempos, desde que o mundo é mundo. Mas o fato é que, onde quer que eu morasse, ele sempre aparecia sem aviso, com a naturalidade de quem tivesse me visto no dia anterior, mesmo quando nosso último encontro datava de anos.

Descendente de beduínos do deserto pelo lado paterno e de fazendeiros pelo materno, meu amigo Natan Zilef tinha tudo para ser andarilho. Andava por toda parte, de perto e de longe, falava com todo mundo, encontrava os conhecidos que viviam nas mais remotas bibocas de civilização e de tudo estava informado. Fazia lembrar "El Hablador", aquele personagem de Vargas Llosa cuja função consistia em manter vivo o liame entre os membros da tribo, espalhados em todos os quadrantes, para que não se perdessem uns dos outros e conservassem a própria consciência grupal. Era o que ele fazia com o nosso grupo de amigos e conhecidos distanciados pelas injunções da vida.

Além dessa função de agente espontâneo de ligação, Natan abraçou outra causa, a grande causa de sua vida, um desafio a que se entregara de corpo e alma. Desejava com todo o ardor de sua alma meio oriental conseguir o asfaltamento da estrada que ligava sua Vila natal, lugarejo perdido num desvão das coxilhas, às cidades mais próximas, coisa de cinquenta qui-

*) Escritor e advogado.

lômetros. Não se conformava com o triste fato de que a vila que o vira nascer, - logo ela! - fosse de raras localidades do estado que não dispunha de estrada decente, sujeitando sua pobre gente às agruras das pedras e buracos do caminho e aos humores do tempo. E, com esse objetivo, pedia a interferência dos amigos, apelava à imprensa, escrevia aos políticos, organizava movimentos, aliciava, cabalava, argumentava. Seus muitos amigos, solidários, abraçaram a causa do "Turco" e fizeram dela a própria causa.

Mas os anos passavam e eles nada conseguiam. Cego, surdo e mudo, o Governo ignorava aquela luta. Branqueavam nas têmporas os cabelos do Turco e seu povo continuava ilhado pelos atoleiros, pedreiras e valetas do caminho aberto a casco de burro pelos tropeiros de dentes. Para piorar as coisas, quase levando meu amigo ao desespero, sua amada Vila entrou em rápido processo de decadência. Bodegas e armazéns fechavam as portas, pessoas se mudavam, até casas de madeira eram desmanchadas e levadas para longe. Parecia mais uma cidade morta, como as de Monteiro Lobato.

A cada visita dele eu indagava da campanha estradeira. Compungido, reconhecia que o progresso fora pequeno, mas não se entregava. Formulava novos planos, estabelecia estratégias e métodos de ação. Saía sempre animado, com um sorriso confiante no rosto simpático.

- Agora vai! - exclamava na despedida.

O tempo passou. Célere, inclemente.

Até que um dia ... numa pequena nota, noticiaram os jornais a inauguração do asfalto da famigerada estrada. Todos os pensamentos se voltaram para Natan, imaginando a euforia de sua alma generosa. Telegramas e cartas levaram as felicitações dos amigos espalhados.

Dias depois, com ar abatido, Natan apareceu. Estranhei a sua tristeza depois que vencera a grande causa. Quando perguntei o que acontecia, abriu os braços, num gesto de desalento, e explicou:

- Demorou muito. Quando a estrada passou a Vila não existia mais. A última casa tinha sido removida ...

Fez uma pausa angustiada e concluiu com dificuldade:

- Minha Vila virou tapera!

Nova Revista

Está circulando o primeiro número da revista “Morcego Cego”, editada pelo Museu/Arquivo de Poesia Manuscrita e Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A publicação se destina à divulgação de tudo que diz respeito à poesia, como estudos, ensaios, resenhas, entrevistas e traduções de textos importantes. Neste número inicial conta com colaborações de Fábio Lucas, José Paulo Paes, Edson Nery da Fonseca, Fernando Py e muitos outros. O referido Museu/Arquivo é uma criação de Iaponam Soares e Vera Araújo e se destina a preservar manuscritos de poetas evitando o seu desaparecimento nesta era cibernética. O título da revista? Bem, essa é uma questão a ser desvendada pelo leitor. (Contatos: Caixa Postal 12204 - Florianópolis).



Capa da Revista “Morcego Cego”

Guia de Escritores

ABNL Editora, de São Paulo, acaba de publicar o “Guia dos escritores Brasileiros”. Trata-se de um trabalho bem elaborado, contendo currículos, obras e premiações dos escritores brasileiros, agrupados conforme as regiões geográficas do País. Através dele é possível obter informações a respeito de qualquer escritor brasileiro e localizá-lo, o que facilitará o intercâmbio e a comunicação. No caso de Santa Catarina a relação é muito incompleta em virtude da falta de colaboração de muitos de nossos homens de letras. Como, porém, se trata de uma obra aberta, a ser atualizada sempre, vamos esperar que os conterrâneos participem em maior número nas próximas edições do “Guia”, pelo qual a Editora paulista merece efusivos parabéns. (Contatos: Rua Teodoro Sampaio, 744 - Conj. 118 - CEP 05406-000 - São Paulo).

Eventos

Aconteceu no Tabajara Tênis Clube a segunda edição de “Taba Telúrica”, promoção envolvendo dança clássica e contemporânea, performance teatral, música, declamação, artes plásticas, design, lançamentos de novos corpoemas com textos de Bell e imagens de Lygia.

O Espaço de Arte Açú-Açú promoveu a exposição de pinturas de Doval, com o título de “Blumenau Revisitada”, arte que reúne magia, memória e imaginação, segundo afirmou Vinicius Alves.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
Número:
Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Caixa Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda

A

"Revista Blumenau em Cadernos" nasceu em 1957, sob a inspiração de José Ferreira da Silva. Nestes exemplares encontram-se temas voltados à história do Vale do Itajaí e Santa Catarina, como nos deixa claro o editorial de abertura do primeiro número da revista: *"Trataremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado"*.

Com o passar dos anos a revista se firmou, tornando-se um periódico excepcional pela sua circulação ininterrupta desde 1957, graças às colaborações recebidas de assinantes e algumas empresas do Vale do Itajaí.

Ao alcançar os seus quarenta anos de periodicidade, a Revista "Blumenau em Cadernos" preserva ainda hoje características que a constituíram, procurando adequar-se às novas e atuais linhas de pesquisa.



**BLUMENAU
EM CADERNOS**
40 ANOS
1957 - 1997